

# *A Psicologia em Diferentes Contextos e Condições 2*



*Tallys Newton Fernandes de Matos  
(Organizador)*

**Atena**  
Editora  
Ano 2020





# *A Psicologia em Diferentes Contextos e Condições 2*



*Tallys Newton Fernandes de Matos  
(Organizador)*



**Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Barão

**Bibliotecário**

Maurício Amormino Júnior

**Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremonesi

Karine de Lima

Luiza Batista

Maria Alice Pinheiro

**Edição de Arte**

Luiza Batista

**Revisão**

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

**Conselho Editorial**

**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Drª. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

- Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof<sup>a</sup> Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof<sup>a</sup> Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Prof<sup>a</sup> Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof<sup>a</sup> Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Prof<sup>a</sup> Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Prof<sup>a</sup> Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Prof<sup>a</sup> Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Prof<sup>a</sup> Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás

Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará  
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão  
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

## A psicologia em diferentes contextos e condições 2

**Editora Chefe:** Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecário:** Maurício Amormino Júnior  
**Diagramação:** Maria Alice Pinheiro  
**Edição de Arte:** Luiza Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizador:** Tallys Newton Fernandes de Matos

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P974 A psicologia em diferentes contextos e condições 2 [recurso eletrônico] / Organizador Tallys Newton Fernandes de Matos. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-189-3

DOI 10.22533/at.ed.893201707

1. Psicologia. I. Matos, Tallys Newton Fernandes de.

CDD 150

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

**Atena Editora**  
Ponta Grossa – Paraná – Brasil  
Telefone: +55 (42) 3323-5493  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br



## APRESENTAÇÃO

A humanidade passou por diferentes transformações ao longo da história, na esfera das representações sociais, que modificaram o campo da realidade e subjetividade, configurando o sentido e significado do sujeito. Tais configurações proporcionaram o surgimento de diferentes teorias como preposição para justificar casualidades e dissonâncias no cotidiano.

Historicamente, algumas teorias buscavam enquadrar o ser humano em padrões comportamentais que poderiam ser idealizados dentro de um quadro e conjunto atitudes, estes determinariam o que seriam considerados atos de normalidade ou anormalidade. Vieses eram excluídos nesta situação, como, por exemplo, costumes e valores adquiridos no meio comunitário oriundos dos marcadores culturais de determinado meio ou comunidade. Para exemplificar tal citação, demos, por conseguinte, a loucura, que foi definida de diferentes maneiras ao longo da história, assim como seu tratamento, que teve diferentes formas de atuação, passando, atualmente, a ser alocada no discurso de saúde mental.

Neste sentido, é importante destacar a importância da pluralidade cultural, que é um resultado das lutas sociais, históricas e políticas dos movimentos sociais, no que diz respeito ao conhecimento e a valorização de características étnicas e culturais dos diferentes grupos sociais que convivem em um mesmo ambiente. A pluralidade, como veremos nos primeiros estudos desta obra, busca explicitar a diversidade étnica e cultural que compõe a sociedade, compreendendo suas relações, os marcadores de desigualdades socioeconômicas, além de apontar transformações necessárias ao meio social. Tais pressupostos oferecem elementos para valorização das diferenças étnicas, culturais, respeito, expressão, diversidade, dignidade e construção da identidade.

Compreender a pluralidade cultural possibilita a reconfiguração da aprendizagem e incorpora a aprendizagem significativa, através da relação criada no significado entre os elementos com a estrutura da matéria, por intermédio das informações obtidas. Todavia, estas possibilitam uma nova organização progressiva, que explora as estruturas cognitivas e categoriza o conhecimento. Tais artefatos são relevantes para o desenvolvimento pessoal, podendo proporcionar diferentes benefícios, como, por exemplo, as diferentes intervenções e estratégias no ambiente de trabalho.

Neste âmbito, destaca-se que o ambiente de trabalho envolve condições, organizações e relações, concatenando-se em uma atividade física e intelectual, a qual dá sentido e significado a vida do homem. Tem o caráter produtivo, de manutenção, de subsistência e de satisfação. É também um marcador de horário e envolve conhecimento, habilidades e atitudes, proporcionando integração, civilização, economia e existência, ao passo que tem como produto a realização pessoal. Porém, o excesso ou ausência e as diferentes circunstâncias e demandas, assim como as condições, organizações e relações podem prejudicar a saúde mental.

Neste sentido, são importantes modelos de intervenção que busquem a qualidade de vida como pressuposto básico para a promoção da saúde. Destacam-se diferentes métodos e práticas, neste âmbito, que cabem ao profissional de psicologia que, através do olhar terapêutico, podem identificar estratégias e ferramentas de atuação, avaliação e intervenção. É importante destacar que, tais elementos, citados anteriormente, não inibem a dinâmica do cotidiano, e a adversidade continua em cenário aberto e contínuo em nosso processo de finitude, já que essa, para alguns teóricos, é a única certeza que temos.

Neste aspecto, de acordo com o discurso abordado anteriormente, explicitando assim a construção de tais argumentos e falas, a obra “A Psicologia em Diferentes Contextos e Condições 2” aborda questões inerentes à “cultura”, “aprendizagem”, “trabalho”, “saúde”, “qualidade de vida” e “finitude”. Já o volume 1, também organizado pelo mesmo autor, aborda outros contextos da psicologia que foram selecionados pensando no eixo do “desenvolvimento humano”. Fica, aqui, um convite ao retorno para à leitura e apreciação do primeiro volume.

Por fim, a coletânea “A Psicologia em Diferentes Contextos e Condições 2” explora a pluralidade e construção teórica na psicologia através de estudos, em diferentes contextos e condições, realizados em instituições e organizações de ensino superior, no âmbito nacional e internacional. Como pesquisador, ressalto a relevância da divulgação e construção contínua do conhecimento científico em benefício do desenvolvimento social. Portanto, destaco a Atena Editora como uma plataforma consolidada e confiável, em âmbito nacional e internacional, para que estes pesquisadores explorem e divulguem suas pesquisas.

Tallys Newton Fernandes de Matos

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
<i>HISTÓRIA DA LOUCURA E DANAÇÃO DA NORMA: UMA GENEALOGIA DO TRABALHO COMO TECNOLOGIA DE CONTROLE UTILIZADA PELA PSIQUIATRIA CLÁSSICA</i>	
<a href="#">Geruza Valadares Souza</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8932017071</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>17</b>
DISCRIMINAÇÕES SEXUAIS E RACIAIS NA EDUCAÇÃO SUPERIOR: QUESTÕES PARA SAÚDE MENTAL!	
<a href="#">Felipe Cazeiro</a>	
<a href="#">Candida Soares da Costa</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8932017072</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>36</b>
GOUINES, OS PLATÔNICOS AFEMINADOS: À MARGEM DOS HETEROFLEXÍVEIS E DOS GAYS	
<a href="#">Luis Aboim</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8932017073</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>54</b>
OBJETOS CULTURAIS EM PSICOLOGIA CLÍNICA: O CINEMA COMO POSSIBILIDADE POÉTICA DE TRANSFORMAÇÕES SUBJETIVAS	
<a href="#">Wellington Gomes da Silva</a>	
<a href="#">Gilberto Safra</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8932017074</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>66</b>
ANÁLISE DA IMPORTÂNCIA DA IDENTIFICAÇÃO DOS ESTILOS DE APRENDIZAGEM PELO TESTE DE KOLB: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA	
<a href="#">Heveline Barreto Sampaio Brito</a>	
<a href="#">Edenilson Cavalcante Santos</a>	
<a href="#">Camila Danielly Barbosa de Carvalho</a>	
<a href="#">Allana Renally Cavalcante Santos de Moraes</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8932017075</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>78</b>
COMO O CÉREBRO APRENDE?: ANÁLISE DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA NACIONAL SOBRE NEUROPEDAGOGIA	
<a href="#">Miliana Augusta Pereira Sampaio</a>	
<a href="#">Denise de Barros Capuzzo</a>	
<a href="#">Simone Lima de Arruda Irigon</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8932017076</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>91</b>
SAÚDE MENTAL DE MILITARES NA FRONTEIRA BRASIL-BOLÍVIA: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	
<a href="#">Isabela Faria Berno</a>	
<a href="#">Júlio Ricardo França</a>	
<a href="#">Vanessa Catherina Neumann Figueiredo</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8932017077</b>	

**CAPÍTULO 8 ..... 103**

OS IMPACTOS DA SÍNDROME DE BURNOUT EM DOCENTES DO ENSINO SUPERIOR

Yolanda Rakel Alves Leandro Furtado  
Maria Alice Ferreira Tavares  
Anna Thays Leal de Sousa  
Fernanda Jozeanne Luna Amaral  
Ana Márcia Ventura da Silva  
Ana Lúcia Bezerra Maia  
Maria Idelvânia Gomes  
Herminia Tavares Ferreira  
Jamisom Felype dos Santos  
Julio Cesar Dias de Barros  
Vivianne de Alcantara Ferreira  
Natália Feitosa Silva

**DOI 10.22533/at.ed.8932017078**

**CAPÍTULO 9 ..... 115**

INFLUÊNCIA DOS SINTOMAS DE ANSIEDADE E DEPRESSÃO NOS SISTEMAS DE MEMÓRIA

Fernanda Garcia Varga de Sobral  
Camila Cruz Rodrigues

**DOI 10.22533/at.ed.8932017079**

**CAPÍTULO 10 ..... 128**

AUMENTO DE QUALIDADE DE VIDA BASEADO NAS PRÁTICAS DO MÉTODO RESTAURATIVO EM PRATICANTES NO BRASIL E PORTUGAL

Miila Derzett  
Andréa Duarte Pesca  
Gabriela Frischknecht

**DOI 10.22533/at.ed.89320170710**

**CAPÍTULO 11 ..... 134**

AValiação dos comportamentos dos moradores de um setor de Palmas – TO e as possíveis relações com o descarte do lixo no meio ambiente

Ana Patricia Alves de Souza Auriema  
Maria Isadora Dama da Silva  
Conceição Aparecida Previero

**DOI 10.22533/at.ed.89320170711**

**CAPÍTULO 12 ..... 143**

PERCEPÇÃO DE IDOSOS INSTITUCIONALIZADOS SOBRE QUALIDADE DE VIDA

Anieli Andressa Smyk  
Isadora Garcia  
Isadora Silveira de Almeida  
Marília dos Santos Amaral

**DOI 10.22533/at.ed.89320170712**

**CAPÍTULO 13 ..... 163**

USO MEDICINAL DA CANNABIS: DISCUSSÕES E DESAFIOS SOBRE SUA REGULAMENTAÇÃO NO BRASIL

Carlos Augusto Villanova Ferreira  
Thiago André Pedrozo Dohms  
Gabriela Maria Carvalho Rodrigues

**DOI 10.22533/at.ed.89320170713**

<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>182</b>
PROCESSOS DE CRIAÇÃO EM TERAPIA OCUPACIONAL: UMA PERSPECTIVA ONTOLÓGICA DA ATIVIDADE MANUAL COM BASE EM MARTIN BUBER E GASTON BACHELARD	
Geruza Valadares Souza	
Marcus Vinicius Machado de Almeida	
Marcelle Carvalho Queiroz Graça	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89320170714</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>199</b>
O SENTIDO E A FINITUDE DA VIDA SOFRIMENTO, MORTE E REALIZAÇÃO DA VIDA	
Joaquim Parron Maria	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89320170715</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>214</b>
PSICOLOGIA ORGANIZACIONAL E DO TRABALHO - PLATAFORMA DA GESTÃO DO CONHECIMENTO	
Adelcio Machado dos Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89320170716</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>227</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>228</b>

## PROCESSOS DE CRIAÇÃO EM TERAPIA OCUPACIONAL: UMA PERSPECTIVA ONTOLÓGICA DA ATIVIDADE MANUAL COM BASE EM MARTIN BUBER E GASTON BACHELARD

*Data de aceite: 05/07/2020*

### **Geruza Valadares Souza**

Instituto Federal de educação, ciência e tecnologia do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasile-mail: geruza.souza@ifrj.edu.br

### **Marcus Vinicius Machado de Almeida**

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil e-mail: e-mail: marcusvmachado@glogo.com

### **Marcelle Carvalho Queiroz Graça**

Instituto Federal de educação, ciência e tecnologia do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil e-mail: marcele.graca@ifrj.edu.br

**RESUMO:** No contexto da Reforma Psiquiátrica, as oficinas de criação constituem importantes dispositivos de acolhimento dos sujeitos em sofrimento psíquico e social. Com o intuito de investigar o papel das atividades manuais na terapia ocupacional, adotamos a metodologia ontológica da criação utilizada por Martin Buber (2001) e Gaston Bachelard (2001), com a qual analisamos a relação do sujeito com a práxis para a promoção da autonomia e inclusão social. A pesquisa é apresentada em formato de ensaio teórico que é resultado da experiência

dos autores como terapeutas ocupacionais no campo da saúde mental, concomitantemente aos seus trabalhos na docência. Na clínica tradicional, verificamos que os resultados das atividades manuais são identificados com uma concepção mais ligada ao seu aspecto simbólico e de representação, em detrimento da experiência de criação. A acepção de clínica, nessa direção, produz uma relação que privilegia a fala e o universo simbólico restritos ao plano representacional e não contempla as implicações da experiência sensoriocorporal nos processos criativos. Bachelard (2001) e Buber (2001) contribuem para problematizar o fazer manual e as materialidades com base na valorização do aspecto da sensorialidade na relação com os fazeres. O estudo das atividades manuais na terapia ocupacional, com base na leitura dos teóricos que enaltecem a atribuição do corpo e sua sensorialidade na relação com os fazeres, nos revela que as sensações e sentidos aguçados pelo contato físico com a materialidade promovem efeitos no corpo e na imaginação.

**PALAVRAS-CHAVE:** saúde mental, terapia ocupacional, ontologia, oficinas de criação, materialidade.

# CREATION PROCESSES IN OCCUPATIONAL THERAPY: AN ONTOLOGICAL PERSPECTIVE OF MANUAL ACTIVITY BASED ON MARTIN BUBER AND GASTON BACHELARD

**ABSTRACT:** In the context of Psychiatric Reform, creative workshops are important devices for the reception of subjects in psychic and social suffering. In order to investigate the role of manual activities in occupational therapy, we adopted the ontological methodology of creation used by Martin Buber (2001) and Gaston Bachelard (2001), with which we analyzed the subject's relationship with praxis for the promotion of autonomy and social inclusion. The research is presented in a theoretical essay format that is the result of the authors' experience as occupational therapists in the field of mental health, concomitantly with their work in teaching. In the traditional clinic, we verify that the results of manual activities are identified with a conception more linked to their symbolic aspect and representation, to the detriment of the experience of creation. The concept of clinic, in this direction, produces a relationship that privileges speech and the symbolic universe restricted to the representational plan and does not contemplate the implications of the sensorial-body experience in creative processes. Bachelard (2001) and Buber (2001) contribute to problematize the manual making and the materialities based on the valuation of the sensorial aspect in the relation with the making. The study of manual activities in occupational therapy, based on the reading of the theoreticians who praise the attribution of the body and its sensoriality in the relationship with the doings, reveals us that the sensations and senses sharpened by physical contact with materiality promote effects on the body and imagination.

**KEYWORDS:** mental health, occupational therapy, ontology, creation workshops, materiality.

## 1 | INTRODUÇÃO

A maior parte da população atendida pela rede de saúde pública, na área de saúde mental, hoje é composta, basicamente, de pessoas em situação de vulnerabilidade social e de grande sofrimento psíquico e social, que em geral não conseguem criar uma vinculação com o tratamento proposto quando recebem um atendimento. Os usuários de saúde mental, além de grande sofrimento psíquico e social, também carregam o estigma, produzido pelo imaginário social ao longo da história da psiquiatria, de serem nomeados como *doentes mentais*. Sendo assim, verificamos a necessidade de construir ações de cuidado que possibilitem a autonomia e inclusão social desses sujeitos. Nessa direção, entendemos que a promoção de acolhimento dessa clientela exige do campo da saúde a integração de múltiplos saberes, que possam responder à complexidade do problema que a sua condição implica cuidarmos.

A história da Reforma Psiquiátrica instaura-se com teorias e práticas revolucionárias da atenção aos sujeitos em sofrimento psíquico e social. Nela, verificamos a presença de uma proposta transdisciplinar que se baseia na pluralidade de saberes e práticas

que passam a vigorar no campo da saúde mental em substituição das teorias e ações vigentes no modelo asilar, que se fundamentavam no discurso reducionista e cientificista da psiquiatria tradicional.

No contexto da Reforma Psiquiátrica, as oficinas de criação consistem em importantes dispositivos de cuidado baseados na concepção político-clínica de autonomia e inclusão social dos sujeitos com problemas de saúde mental. Aliada a essa concepção da clínica como produção de novas formas de estar na vida, encontramos no movimento da Reforma Psiquiátrica indicadores importantes para operar o sentido da clínica como criação. Apesar dos inegáveis efeitos das atividades manuais na clínica e da ampla utilização desse dispositivo nos serviços de saúde mental, há uma escassa bibliografia sobre o tema, de forma que consideramos imprescindível a produção de pesquisas sobre o aspecto sensível das atividades manuais na terapia ocupacional, no campo da saúde mental, acreditando serem essas atividades importantes catalisadoras de expressão e criatividade.

A análise do uso das atividades manuais na terapia ocupacional surge da experiência profissional dos autores na área da terapia ocupacional em saúde mental, e, atualmente, como docentes de cursos de graduação em terapia ocupacional. Nesse contexto, percebemos que é recorrente, nas narrativas de alunos e profissionais que atuam no campo da saúde mental, o questionamento referente à função e aos efeitos das atividades manuais, nessas instituições. Nesses relatos, presenciamos uma tendência de valorizar a representação e não o processo de criação como um todo.

Ao tomarmos o plano da clínica da terapia ocupacional como objeto de análise, percebemos que o referencial representativo, como leitura das teorias e práticas dos processos de criação, não valoriza o papel das múltiplas sensações presentes na vivência criativa imposta pela matéria, o que reduz os efeitos da materialidade e seus possíveis significados apenas à imagem como representação simbólica, cópia de uma memória reprimida no inconsciente. Em contrapartida, a clínica, para nós, é um complexo formado por híbridos de forças das materialidades, dos sujeitos, de diversas atividades e ações, de coletivos de afetos, de espaços múltiplos e mutantes. Nessa direção, as atividades manuais serão analisadas, no decorrer deste trabalho, sob a perspectiva processual e relacional dos diversos encontros produzidos na clínica, como possibilidade de afetação e de produção de singularidade.

Com o objetivo de problematizar a função das atividades manuais na clínica, adotamos a metodologia ontológica baseada em Martin Buber (2001) e em Gaston Bachelard (2001), com a qual pretendemos construir a análise da relação do sujeito com o fazer, assim como tensionar uma possível hierarquia existente entre o discurso representativo e a experiência sensível. Para analisar a dimensão da sensorialidade nas atividades manuais, empregaremos os conceitos de Bachelard (2001) de imaginação, criação e devaneios da vontade. Tais conceitos nos auxiliarão a postular a função da sensorialidade e das materialidades nas oficinas de criação em saúde mental e os possíveis efeitos da relação



dialética do *trabalho criador*.

Inspirado na afirmação de um paradigma estético e na análise crítica da concepção hegemônica da interpretação representativa dos processos de criação na clínica, não será proposto um modelo dotado de verdades. Produzimos um procedimento metodológico que visa ampliar a análise das experiências singulares de transformações produzidas pela relação com as materialidades, na terapia ocupacional. Aliado a essa concepção da clínica como produção de novas formas de estar na vida, encontramos no paradigma estético indicadores importantes para operar o sentido da clínica como criação. Tanto Bachelard (2001) como os autores da esquizoanálise, Deleuze e Guattari (2010), são críticos da perspectiva representativa e buscam no paradigma estético fundamentos para potencializar os processos de criação.

Nessa direção, realizamos a análise das materialidades na clínica e encontramos nos processos de criação pressupostos para pensar a relação do sujeito com o fazer manual como vivência ontológica. Em seguida, nos apropriamos do estudo de Martin Buber (2001) sobre a experiência de *encontro*, de forma a aprofundar a discussão da atividade manual na terapia ocupacional. Com base na obra *Eu e tu*, de Buber (2001), pode ser fundamentada a perspectiva da relação do sujeito com a criação na terapia ocupacional sendo utilizados os conceitos de *eu-tu*, *eu-isso* e *encontro*, para a compreensão das oficinas de criação como possibilidades de transformação do sujeito na clínica.

Nesta pesquisa, priorizamos a relação do homem com a sua criação, sendo essa uma das possíveis relações do *eu-tu*, o que será mais bem abordado mais à frente, no texto. Ao levar essa concepção para a clínica, pretendemos analisar a vivência do *encontro* no plano da criação como processo de protagonismo e de emancipação do sujeito na vida.

A metodologia ontológica criada por Buber apresenta uma estreita ligação com Bachelard (2001) e com Deleuze e Guattari (2010), devido à estrutura ontológica da temática abordada, que consiste na relação do homem com o fazer, como criação da existência. Os conceitos desses autores nos auxiliarão a postular os possíveis efeitos da relação dialética do trabalho criador na terapia ocupacional e a implicação das materialidades, nesse processo. Trata-se da investigação de relações com o outro/pessoa e o outro/materialidades que, por meio da vivência de criação, possam promover novas aberturas do sujeito para o mundo, novas formas de ser e de estar no mundo.

## 2 | AS OFICINAS DE CRIAÇÃO NO CENÁRIO DA REFORMA PSIQUIÁTRICA

A Reforma Psiquiátrica é inaugurada na década de 1980 no Brasil, em prol da mudança do modelo assistencial psiquiátrico que promovia práticas de violência contra os sujeitos em tratamento com base em teorias e ações do modelo asilar que se fundamentavam no discurso reducionista e cientificista da psiquiatria. O movimento questiona o conceito de doença mental da psiquiatria, que, muitas vezes, apenas servia para cronificar a condição

do sujeito, justificando sua exclusão dos territórios de convivência social e limitando, desse modo, a cogestão de seu tratamento por diversos atores sociais. Nesse sentido, “a doença é deslocada e isolada na esfera da competência técnica” (BASAGLIA, 1996 apud RAMÔA, 2005, p. 28), produzindo assim a sua separação e afastamento da vida. O usuário do serviço de saúde mental é, portanto, classificado como paciente, ou seja, passivo ante o seu sofrimento.

A reforma teve o seu foco na humanização do cuidado das pessoas em sofrimento psíquico e social, rotulados como loucas, colocando fim aos manicômios e garantindo os seus direitos, principalmente à inclusão social. Coga e Vizzotto (2003) destacam que a Reforma Psiquiátrica, no contexto brasileiro, se constituiu em um movimento ético, estético e político direcionado contra as condições precárias de trabalho, contra a ineficácia do tratamento, como também contra os abusos sofridos pelos pacientes, no ambiente asilar. Na reforma foram envolvidos importantes atores para a produção de mudanças radicais no cenário psiquiátrico, com protagonismo de intelectuais, trabalhadores da saúde, familiares e usuários dos serviços nas decisões tomadas.

A promulgação da Lei da Reforma Psiquiátrica Brasileira (lei n. 10.216/2001), também conhecida como Lei Paulo Delgado, promoveu a mudança do modelo hospitalocêntrico para o modelo de atendimento psiquiátrico comunitário, com foco numa atenção descentralizada, abrangendo prevenção, promoção, recuperação e ressocialização das pessoas com transtornos mentais (BRASIL, 2001; BARROSO; SILVA, 2011).

Com a Reforma Psiquiátrica, há a necessidade de construção de espaços de acolhimento de sujeitos em grande sofrimento mental; assim, criam-se redes de serviços substitutivos daqueles prestados em um hospital psiquiátrico, como os Centros de Atenção Psicossocial (Caps), rompendo com o modelo asilar e fortalecendo uma real promoção da saúde (RIBEIRO; MARTINS; OLIVEIRA, 2009). De acordo com Amarante (2008), os serviços de saúde mental não devem atuar como espaços burocratizados, mas como operadores de projetos de vida, de promoção de autonomia. Nessa perspectiva, os Caps e os Centros de Convivência e Cultura<sup>1</sup> (Cecos) surgem como parte de uma estratégia de atuação no território, nos espaços da vida e da sociabilidade.

De forma distinta dos Caps – que se constituem em equipamentos de saúde mental –, os Cecos não se configuram como instituições assistenciais, mas como espaços de articulação com a vida cotidiana das pessoas atendidas e que têm como característica principal a proposta de fortalecimento das redes sociais e promoção de autonomia aos usuários dos serviços de saúde mental, por meio de realização de atividades coletivas.

As equipes dos Cecos são integradas por oficinairos, artistas plásticos, músicos, atores e

<sup>1</sup> Esses centros surgem inicialmente no final da década de 1980, em São Paulo, e vêm se expandindo pelos demais estados do país. Os Cecos foram inicialmente criados pela portaria n. 396/2005 como: “Dispositivos públicos componentes da rede de atenção substitutiva em saúde mental, onde são oferecidos às pessoas com transtornos mentais espaços de sociabilidade, produção e intervenção na cidade” (BRASIL, 2005). No entanto, é importante ressaltar que essa portaria foi posteriormente revogada e está ainda em andamento a sua reedição, o que impede uma clara definição de verbas para a sua existência.

artesãos, ou seja, por profissionais das áreas de arte e cultura.

Os Cecos consistem em espaços privilegiados para a promoção de inclusão social e autonomia, devido à proposta de convivência e de produção de cultura – que constituem objetivos fundamentais na saúde mental – e principalmente por estarem localizados em espaços de arte e cultura, o que favorece a construção de identidades referenciadas ao papel de artistas e a ampliação das redes socioculturais dos usuários de serviços de promoção da saúde mental, em detrimento do papel de *doentes/pacientes* que geralmente ocupam esses usuários. É nesse cenário que são criadas, nesses centros, oficinas como dispositivos<sup>2</sup> que possam articular os planos singular e o coletivo, com o objetivo de promover espaços de trocas e de resignificação da experiência de sofrimento.

Com foco na atenção psicossocial, foram implantados serviços substitutos das instituições asilares para se romper com as teorias e práticas de institucionalização da loucura que não favoreciam a autonomia do usuário do serviço de saúde mental. Nesse novo cenário, as oficinas ganharam função de destaque, pois são dispositivos que apresentam estreita relação com a atenção psicossocial e contribuem com a formulação de uma importante crítica à psiquiatria tradicional, em função da sua proposta de desinstitucionalização (RAMÔA, 2005) e por sua concepção político-clínica de conceder autonomia e inclusão social aos usuários dos serviços de saúde mental. Atualmente, a proposta é de construção de oficinas nos espaços fora dos equipamentos de saúde, nos espaços sociais e de circulação daqueles usuários. Nesse contexto, são fundamentais os dispositivos coletivos como ateliês, cooperativas de trabalho, oficinas de criação etc. Segundo Rauter (2000), as atividades artísticas e de trabalho propiciam vivências de trocas sociais e de protagonismo, objetivos esses caros ao campo da saúde em geral:

[...] o trabalho e a arte têm esta função de inserção no mundo da coletividade, de rompimento do isolamento que caracteriza a vivência subjetiva contemporânea. O trabalho (dependendo de que trabalho), [...] pode nos tornar (a nós e a nossos pacientes) agentes ativos no mundo em que vivemos e não penas espectadores passivos ou submissos ao que ocorre fora de nós (RAUTER, 2000, p. 268).

A experimentação dos processos de criação por meio de oficinas de arte/artesanato é fundamental para a construção e/ou fortalecimento de identidades socioculturais que possam romper com a identidade histórica do chamado *doente mental*, forma com que muitas vezes é reconhecido um sujeito que apresente sofrimento psíquico e social. Em última instância, o que se pretende é promover a ampliação das redes relacionais por meio do fortalecimento das vivências de criação e das relações afetivas. Segundo Lima (2010), o artesanato e a arte são definidos como produtos da criação, do saber e da cultura de sujeitos e coletivos.

---

<sup>2</sup> Pensar as atividades a partir do conceito de dispositivo em Baremblytt (2002, p. 135) corresponde a “uma montagem ou artifício produtor de inovações que gera acontecimentos e devires, atualiza virtualidades e inventa o novo radical. Em um dispositivo, a meta a alcançar e o processo que a gera são imanentes [...] entre si. Um dispositivo compõe-se de uma máquina semiótica e uma pragmática e se integra conectando elementos e forças (multiplicidades, singularidades, intensidades) heterogêneos que ignoram os limites formalmente constituídos das entidades molares (estratos, territórios, instituídos etc.)”.

Na contramão da psiquiatria clássica, a atenção psicossocial propõe a promoção da assistência integral, constituindo-se em lugar de passagem, de forma a perceber o usuário do serviço de saúde mental como protagonista no processo do seu tratamento e, portanto, na sua vida, valorizando as suas múltiplas relações sociais. Nesse cenário, a Reforma Psiquiátrica preconizou a reabilitação psicossocial com base no princípio de promoção da autonomia. Kinoshita (2001, p. 57) afirma a importância da ampliação das relações contratuais pelos sujeitos com sofrimento psíquico e define o poder contratual como uma condição para sua autonomia.

Entendemos autonomia como a capacidade de um indivíduo gerar normas, ordens para a sua vida, conforme as diversas situações que enfrente. Assim, não se trata de confundir autonomia com autossuficiência nem com independência. Dependentes somos todos; a questão dos usuários é antes uma questão quantitativa; dependem excessivamente de apenas poucas coisas. Essa situação de dependência restrita/restritiva é que diminui a sua autonomia. Somos mais autônomos quanto mais dependentes de tantas mais coisas pudermos ser, pois isso amplia as nossas possibilidades de estabelecer novas normas, novos ordenamentos para a vida.

Como aponta o autor, o processo de autonomia presentifica-se pela ampliação da capacidade de se criar vínculos (KINOSHITA, 2001). No exercício da contratualidade social, o sujeito realiza seu poder de escolha diante de sua vida, além de desempenhar sua cidadania. Sobretudo, o *status* de cidadania não está garantido pela simples entrada de um sujeito nos equipamentos de saúde, mas pela contínua construção, por esse sujeito, de laços sociais que envolvam distintos atores, nesse processo, assim como de todas as relações que lhe possibilitem experiências de protagonismo.

Nessa direção, Buber (2001) reconhece que a ampliação das relações do sujeito no mundo possibilita sua abertura ao *encontro* consigo mesmo e com o outro. Através do *encontro*, o homem já não é apenas um observador no mundo, pois a atitude do *encontro* com o outro, do *encontro eu-tu*, promove a sua autoria desse mundo. Ademais, orientados por Buber (2001) e Kinoshita (2001), entendemos autonomia como a capacidade relacional de um sujeito perante sua vida, conforme as diversas situações que ele enfrente. Ao ampliarmos os vínculos com os outros, somos mais autônomos, visto que, ao expandirmos as nossas relações, a nossa dinâmica de protagonismo ante a vida se atualiza.

Diante dessas questões, queremos investigar o sentido clínico das oficinas. Acreditando na peculiaridade desse dispositivo de tratamento, desejamos indagar: qual é a especificidade do tratamento produzido nas/pelas oficinas de criação? Qual é a dimensão clínica da atividade? Como o fazer pode ter sentido clínico?

### 3 | O CONCEITO DE CRIAÇÃO EM MARTIN BUBER

Antes de seguirmos caminhando com o entrelaçamento das linhas que compõem a relação do homem com o fazer, entendemos a necessidade de melhor costurar essas linhas que orientam o que nomeamos como *sujeito*. A compreensão da definição de

sujeito é apresentada por Martin Buber (2001) por meio de conceitos como *eu-tu*, *eu-isso* e *encontro*, que nos auxiliarão na definição da relação do homem com o fazer, no plano da clínica.

Para avançarmos nesse questionamento, seguimos as pistas deixadas pelo filósofo austríaco Martin Buber (2001) para a compreensão do que é o sujeito e de como se estabelece a sua relação com o mundo, mais especificamente a sua relação com as suas ações. Buber é considerado o *filósofo da relação*, tendo como principal obra *Eu e tu* (BUBER, 2001). O autor apresenta como fundamentação ontológica do homem a relação *eu-tu* como princípio determinante de sua condição existencial. Para o autor, a edificação essencial do homem se dá com base em sua atitude relacional, ou seja, o homem se constrói através da relação que institui com o mundo, com o outro (BUBER, 2001). O outro a que se refere Buber “[...] pode ser: homem, Deus, uma obra de arte, uma pedra, uma flor, uma peça musical” (ZUBEN, 2001, p. 36). Para ele, a relação do sujeito no/com o mundo é a condição ontológica da constituição de seu ser.

Nesse caminho, tomamos inicialmente o pensamento de Buber (2001) para pensar a relação do homem com o fazer pela sua ligação direta com a união entre reflexão e práxis. É nessa perspectiva que o autor afirma a condição existencial do homem pela sua relação com o mundo. Conforme aponta Zuben (2001, p. 17), “a vitalidade de seu pensamento toma sua força no sentido da concretude existencial da experiência de presença no mundo”. O ser humano, conforme nos assinala Buber (2001), está marcado pela concretude da presença existencial, na medida em que a relação do homem com o mundo corresponde ao fundamento de sua essência; o ser do homem se concretiza através de suas ações no mundo. É importante assinalar que, anterior à relação do homem *com* o mundo é a relação do homem *no* mundo, pois o homem, antes do estabelecimento de sua relação intencional com o mundo, já está, desde sempre, afetado pelo mundo. É, de sua condição existencial, ser um *ser no mundo*. Já a sua essência está marcada pela dinâmica processual da relação, de um *vir a ser* contínuo que atualiza o seu ser na relação eu-tu. Podemos inferir que, ao transformar o mundo, ao agir sobre ele, o homem é transformado, nessa ação, e institui um algo próprio para o seu ser. A essa ação dialética e ontológica da relação do homem com o mundo Buber (2001) nomeia de *encontro*. O *encontro* se apresenta e se afirma pela relação estreita entre reflexão e práxis.

Para o autor, estamos sempre em relação no/com o mundo, sendo essa relação orientada para duas direções: a da atitude do homem em relação ao *encontro* com o outro, como sujeito dotado de uma unidade (eu-tu); e a da atitude do homem em relação ao outro como *isso*, como objeto (eu-isso). Na primeira atitude, somos marcados pela presença direta e imediata da totalidade do ser do outro, do *tu*, sendo essa relação transformadora de nossa existência: “O eu se torna eu em virtude do tu” (BUBER, 2001, p. 49). Ao dizermos *tu*, atualizamos nosso eu como ser. Na segunda atitude relacional, do *eu-isso*, nos servimos do outro como objeto sem nos afetarmos pelo ser do outro como ser

ontológico, mas como coisa. Na relação *eu-isso*, a ligação que se constrói é de simples funcionalidade, pois o outro na relação é um outro que serve ao eu. Desse modo, o sujeito não se abre ao *encontro* e à possibilidade de transformação pelo outro. O *encontro eu-tu* não depende exclusivamente do eu ou do tu, mas da abertura relacional de ambos, de uma disponibilidade de um eu para com um outro, a presença ontológica de outro ser. A instauração do *encontro* também não ocorre por meio de algo ou de alguém; não há mediação na relação *eu-tu*; ao contrário, é a ausência de mediação que permite ao eu o *encontro* com a alteridade, com o outro em sua totalidade existencial. A condição para a realização do *encontro* é o reconhecimento do outro como diferente do ser do eu e essa relação impõe a disponibilidade de abertura desse eu para o outro (BUBER, 2001).

É importante destacar que, para Buber (2001), a relação *eu-tu* não se restringe a um aspecto intrapsíquico, pois o *encontro* acontece entre o sujeito e o outro e não somente dentro de cada ser. O *eu-tu* ocorre na abertura de um ser para a alteridade que se estabelece no *entre* eu e outro, na relação entre ambos. Ao reconhecer o outro, a sua alteridade, o eu se reconhece como sujeito e, no processo dessa relação, o eu é transformado. Na atitude relacional *eu-tu*, a dimensão da práxis está sempre presente, pois ela se trata de uma relação concreta, de transformação. Na relação *eu-isso*, o eu se reconhece separado do outro, mas não se reconhece como sujeito.

Para Buber (2001), o caminho ontológico “[...] não é traçado a partir de um mundo conceitual de abstrações, inócuo e vazio. Ele surge de experiência vivida na concretude existencial de cada ser humano” (ZUBEN, 2001, p. 45).

## 4 | A ANÁLISE DA MATERIALIDADE NOS PROCESSOS DE CRIAÇÃO NA TERAPIA OCUPACIONAL

Para que possamos seguir alinhando os fios conceituais no enlaçamento da relação do homem com o fazer na clínica, tencionamos a aproximação entre autores da filosofia e da clínica, com o objetivo de operar aberturas para produzir não modelos ou formas rígidas de analisar a clínica com as oficinas; mas para, com inspiração na proposta metodológica do paradigma estético e com o diálogo com os diferentes discursos, promover a abertura para novas possibilidades de se pensar e operar as oficinas de criação, na terapia ocupacional.

Ao tratarmos da ontologia do fazer manual, Bachelard (2001) é um importante autor para nos auxiliar na análise do trabalho criador<sup>3</sup>. O filósofo francês tem grande influência do romantismo e das produções artísticas e literárias e se apropria do discurso das artes para produzir um paradigma estético do trabalho. Bachelard (2001) realiza

---

3 Considerando que o tema da criatividade está vinculado historicamente à função do intelecto, enquanto habilidade do pensamento abstrato e cognitivo, optamos, nessa pesquisa, pelos termos *trabalho-criador*, em oposição ao *trabalho criativo* que remete ao conceito de criatividade, pois intencionamos abordar a função existencial, ontológica do trabalho como experiência sensível e imaginária.

uma crítica à tradição cartesiana, cuja relação com o mundo se ancora num fundamento representacional. E, nessa direção, o processo imaginativo vivenciado pela criação com a matéria, quando reduzido seu significado ao plano da representação, não permite a avaliação dos seus significados como uma complexa experiência.

Bachelard (2001) é contrário à tradição filosófica ocidental, que, desde Platão, estabelece as bases do conhecimento pautadas no intelectualismo e na visão como sentido primordial para a obtenção do saber. O autor identifica que a tradição ocidental reduziu a experiência com o mundo ao primado da visão – o que Pessanha (1994) denomina “vício de ocularidade” – e afirma que os filósofos realistas e os psicólogos restringem o processo imaginativo à percepção visual (Bachelard, 2001).

O discurso representativo sempre caminha para a busca do sentido verdadeiro da experiência fora dela mesma, na medida em que reduz a imaginação a um traço simbólico oculto na obra. Mas, é importante destacar que o autor não nega o aspecto do que é simbólico como uma das possibilidades de interpretação do processo de criação; o que ele questiona é a pretensão de totalização da vivência imaginante sob o jugo do aspecto simbólico, como experiência estritamente psicológica (BACHELARD, 2001). Diz Bachelard (2001, p. 62):

A imagem é diferente. A imagem tem uma função mais ativa. Por certo tem um sentido na vida inconsciente, por certo designa instintos profundos. Mas, além disso, vive de uma necessidade positiva de imagens. Pode servir dialeticamente para ocultar e para mostrar. Mas é preciso mostrar muito para ocultar pouco, e é do lado dessa mostra prodigiosa que temos que estudar a imaginação.

Dessa forma, Bachelard (2001) não apenas contesta a filosofia tradicional e a psicanálise, mas também objetiva valorizar a imaginação como centro motriz do trabalho criador. Para o autor, a psicanálise e a psicologia não souberam avaliar as forças da matéria devido à omissão de “[...] todo um campo de pesquisa: o próprio campo da imaginação” (BACHELARD, 2001, p. 17). Nessa direção, o autor propõe uma inversão: ao invés de busca da realidade na imagem, a pesquisa da imagem no real (BACHELARD, 2001).

Na obra *A terra e os devaneios da vontade: ensaio sobre a imaginação das forças*, Bachelard (2001) descreve que o processo imaginativo é ativado por meio do trabalho-criador, o qual nomeia como *potência* que surge do fazer do indivíduo em face das matérias e suas resistências. As materialidades guardam qualidades físicas e simbólicas que consistem em forças que impõem resistências ao trabalho e nos convocam ao processo criador e imaginante. Em contato com as materialidades somos impulsionados ao convite à criação.

O processo imaginativo decorre do manuseio dessas matérias e da capacidade de sonhar, definidos pelo filósofo como *devaneios da vontade*. Citando Baudelaire (apud Bachelard, 2001, p. 2), ele afirma que: “Quanto mais a matéria é, em aparência, positiva e sólida, mais sutil e laborioso é o trabalho da imaginação”.

Bachelard (2001) distingue a *imagem percebida* da *imagem imaginada*, pois esta se refere ao processo imaginativo que ocorre na criação e diante da capacidade de sonhar, definido por ele como devaneios da vontade; já aquela compreende a imaginação reprodutora da realidade que é resultado da percepção e da memória. Nesse sentido, o autor diferencia a imaginação formal, própria da produção da imagem pela percepção, que ocorre pela busca da forma, mediante representação da imagem; da imaginação material, que corresponde à imaginação ativada pela ação com as materialidades.

A imaginação corresponde à capacidade, no âmbito criador, de construção de sonhos, que ocorre de forma dinâmica e autoral, nas trocas energéticas com a matéria. Dessa maneira, a imaginação não equivale a uma projeção passiva de simbolismo sobre a matéria, mas é resultado da relação dialética e criadora com a materialidade e com a constituição de si, vivenciada de forma intencional. Sendo assim, a imaginação não é um sonho possível, que pode ou não acontecer; ela é uma realidade, uma afirmação, na medida em que rompe com a realidade factual e cria formas inéditas de sentidos para a existência. “A imaginação é um princípio de multiplicação dos atributos para a intimidade das substâncias. É também vontade de ser mais, de modo algum evasiva, mas pródiga, de modo algum contraditória, mas ébria de oposição. A imagem é o ser que se diferencia para estar certo de um vir a ser” (BACHELARD, 2001, p. 21).

No trabalho-criador o sujeito vivencia a imaginação e a temporalidade marcada pela duração e pelas forças da matéria, e é nesse jogo de manuseio e imaginação que se materializa a experiência ontológica de um vir a ser. No processo do trabalho-criador com a matéria, experimentamos um tempo que não é o tempo alienado imposto pela aceleração da produção mecanizada, também se difere do tempo vazio da passividade, mas ao contrário, compreende ao tempo da criação e do devaneio.

As forças criativas são determinadas pelas qualidades físicas e imaginativas da matéria e suscitam a imaginação e a produção de desejos, por intermédio da relação criadora de um indivíduo com os materiais de que dispõe. O desejo, nesse caminho, corresponde ao que Deleuze e Guattari (2010) nomeiam de *desejo como produção*. Este surge das relações, dos encontros, da emancipação da vida e a cada encontro com a materialidade; a cada nova relação, diversos desejos se constroem.

## 5 | UMA ONTOLOGIA DOS FAZERES NA TERAPIA OCUPACIONAL

Aqui aproximamos o plano da clínica ao da vida, cuja importância nos assinala Fogel (2012), com base em uma interpretação nietzschiana de vida – vida como um contínuo vir a ser que não se explica por um eu, por uma identidade ou causalidade *a priori*. Vida ocorre na e pela experiência. Ao definir *vida*, Fogel cita o escritor Miguel de Cervantes, para quem o escritor, em sua atividade de escrever, não só cria e participa como autor da obra, mas, ao mesmo tempo, realiza a sua artesanaria. Cervantes cria-se, fabrica sua



existência e assim é resultado também de sua obra. Dessa forma, o fazer de Cervantes não está separado do ser Cervantes, mas sujeito e obra se autodefinem. Como declara Fogel (2012, p. 217):

Mas escrever não é um atributo (propriedade ou faculdade) de um eu, e sim uma força, ou seja, uma possibilidade de vida que, em se apoderando ou apropriando de vida, em usando-a (e vida deixa-se assim usar, apropriar), faz vir a ser um eu, não um eu qualquer, mas propriíssimo escritor, por ex. Miguel de Cervantes, o escritor, não sub ou pré-existe ao escrever, ao escrito, mas, ao contrário, é obra do escrever. É no escrever, e pelo escrever que se faz, que vem a ser Miguel de Cervantes o escritor.

Fogel (2012) exemplifica a fundamentação existencial como processo criador, com base na obra de Cervantes, que anuncia “Que cada uno es hijo de sus obras” (CERVANTES, 1871 apud FOGEL, 2012, p. 217). Ao descrever a dimensão da vida, Fogel (2012) nos auxilia na tarefa de pensar a fundamentação da existência no plano estético, de inventividade da vida. Na relação do homem com sua criação, a *práxis* presentifica-se pela vivência de constituição de um *próprio*, de produção de uma singularidade, pois, no instante em que o homem cria, ele produz sentidos pela concretude de sua ação, e essa *práxis* atualiza a constituição ontológica do ser do homem. A criação, dessa forma, se apresenta como ação fundadora de sentido.

Para Passos e Barros (2000), é importante ressaltar que no plano da clínica não existe ou preexiste um primado do sujeito ou do objeto. Portanto, não podemos falar de um *a priori* demarcado por um sujeito ou por um objeto; mas, orientados pela ontologia, afirmamos que o *a priori*, o princípio é a relação ou o encontro. O entendimento do sujeito separado do objeto consiste em uma abstração, não passando assim de uma ficção, pois, no real, na vida, o que se apresenta é sempre a relação, visto que todo ser é sempre um ser no mundo (FOGEL, 2012).

Ainda segundo Passos e Barros (2000), o que interessa à clínica são as produções de singularidades. Nessa, diretriz, a clínica apresenta sua fundamentação determinada pela criação como potência transformadora e, por isso, estipulada pela atitude crítica de desestabilização do que já se encontra instituído. Logo, a clínica se formaria como um sistema aberto, em que o terapeuta se disponibilizaria ao *encontro* do eu com o outro, como facilitador do *encontro eu-tu*.

É preciso ressaltar que o dispositivo da oficina de criação não pode ser definido como um lugar que está dado *a priori*, nem tampouco como um *em si*, mas algo sempre em vias de se fazer, de vir a ser. A clínica, dessa forma, é uma prática a ser sempre reinventada. Destarte, pensamos o dispositivo das oficinas e a dimensão clínica da atividade como multiplicação das relações, pelos encontros que se estabelecem entre os modos de fazer e vivências do indivíduo com a criação e com o grupo com que ele dialoga. Além da possibilidade de acolhimento, o espaço coletivo das oficinas promove a relação desse indivíduo com o grupo e com atividades artesanais e artísticas que produzem um efeito de desvio do lugar de doente, na direção da formulação de outras formas de relação social.

Sendo assim, pensar as oficinas como potências relacionais é pensar que o fazer também é uma via de transformação do sujeito.

Para Passos e Barros (2000), na clínica como produção de novos territórios existenciais, há a criação de intercessores que os autores referem estarem ligados à perspectiva da experiência de desvio. Os autores buscam pensar a clínica para além de um propósito de acolhimento, mas descrevem seu sentido como uma potência de desvio, em seus movimentos (PASSOS; BARROS, 2000).

O sentido da clínica, para nós, não se reduz a esse movimento do inclinar-se sobre o leito do doente, como se poderia supor a partir do sentido etimológico da palavra derivada do grego *klinikos* (“que concerne ao leito”; de *klíne*, “leito, repouso”; de *klíno* “inclinar, dobrar”). Mais do que essa atitude de acolhimento de quem demanda tratamento, entendemos o ato clínico como a produção de um desvio (*clinamen*), na acepção que dá a essa palavra à filosofia atomista de Epicuro (1965). Esse conceito da filosofia grega designa o desvio que permite aos átomos, ao caírem no vazio em virtude de seu peso e de sua velocidade, se chocarem articulando-se na composição das coisas. Essa cosmogonia epicurista atribui a esses pequenos movimentos de desvio a potência de geração do mundo. É na afirmação desse desvio, do *clinamen*, portanto, que a clínica se faz. (PASSOS; BARROS, 2000, p. 90).

A análise da clínica como *encontro*, conforme preconizado por Buber (2001), e como uma via de criação nos permite conceber uma clínica plural. A clínica também se faz por sensações que as materialidades nos impõem, como possibilidade de vivência da dinâmica que associa a reflexão à *práxis*. Para Buber (2001), o corpo e suas qualidades físicas estão presentes na afetabilidade do *encontro*, visto que a ligação *eu-tu* ocorre pela relação do eu com a totalidade do outro e, dessa forma, não pode afirmar que haja uma separação entre alma e corpo, corpo e pensamento, como apresentado em algumas teorias. Afirma Buber (2001, p. 54):

Tudo o que pertence à árvore, sua forma, seu mecanismo, sua cor e suas substâncias químicas, sua ‘conversação’ com os elementos do mundo e com as estrelas, tudo está incluído numa totalidade. A árvore não é uma impressão, um jogo de minha representação ou um valor emotivo. Ela se apresenta ‘em corpo’ diante de mim e tem algo a ver comigo e, eu, se bem que de modo diferente, tenho algo a ver com ela.

Assim, Buber (2001, p. 54) enfatiza o outro como presença que, em sua relação ontológica como *tu*, apresenta-se como totalidade, como ser. Conceber o outro da relação *eu-tu* como ser, como existência, implica assumir a dimensão do corpo e suas qualidades físicas como essencial condição transformadora da existência. É essa composição do corpo, da sensorialidade que intencionamos valorizar na relação do homem com o fazer, para analisarmos a dinâmica do fazer na clínica. Como nos versos de *O guardador de rebanhos*, de Fernando Pessoa (2006, p. 14), propomos compor um emaranhado entre *práxis*, sensação e pensamento.

Sou um guardador de rebanhos.

O rebanho é os meus pensamentos  
E os meus pensamentos são todos sensações.

Penso com os olhos e com os ouvidos

E com as mãos e os pés

E com o nariz e a boca.

Pensar uma flor é vê-la e cheirá-la

E comer um fruto é saber-lhe o sentido.

Por isso quando num dia de calor

Me sinto triste de gozá-lo tanto,

E me deito ao comprido na erva,

E fecho os olhos quentes,

Sinto todo o meu corpo deitado na realidade,

Sei a verdade e sou feliz.

O poeta reporta-se às composições dos sentidos que são criados no plano da relação entre pensamento e sensorialidade. A criação de sentidos está apoiada na vivência do corpo; assim, apreendendo os significados do poema, podemos afirmar que, por meio da experimentação com os fazeres, ativamos nossas sensações e pensamentos e múltiplos sentidos podem ser fabricados (PESSOA, 2006, p. 14). Nesse horizonte, afirmamos a necessidade de sensibilização do terapeuta, pois ele também é afetado pelos *encontros*. Para estar sensível ao acolhimento do outro, é necessário que o terapeuta possa escutá-lo com o corpo inteiro. Que a escuta aconteça com os olhos, ouvidos, olfato, vísceras e afetos.

Para pensar a dimensão da sensorialidade na clínica, empregamos os conceitos de criação com base na proposta de Buber (2001) e Bachelard (2001) de interação entre reflexão e *práxis* como característica presente no processo criador.

A clínica com os fazeres se dispõe à constituição de um plano de pluralidade, de experimentações diversas, de um múltiplo que gera tensão, que potencializa a abertura para o *encontro* e desse contexto podem participar sons, cores, cheiros, texturas, coletividades. Na experimentação do sujeito com as materialidades, ocorre a possibilidade do *encontro*, de forma que a vivência com a criação possibilite diversificadas formas de

habitar o mundo e de produção de sentidos à existência.

Para Bachelard (2001), devemos reaprender a criar e experimentar as matérias para ativarmos a imaginação. Dessa forma, o autor prioriza o ser da criança, pois esta não se contenta com o dado da realidade, por isso é tão frequente dizermos que a criança vê com as mãos, pois ela tem o desejo de conhecer o mundo, de experimentá-lo e de recriá-lo. “À criança que ainda sonha com a mão ensina-nos que o mundo não foi feito somente para ser visto, mas para ser acariciado, tocado, agarrado e possuído pela mão-imaginante, que devaneia em seus sonhos despertos e suas imaginações concretas” (RODRIGUES, 1999, p. 427).

Na investigação dos processos de criação na saúde mental, a mão tem uma fundamental importância para analisarmos as implicações da materialidade e imaginação na clínica. Nos escritos de Bachelard (2001) sobre o trabalho-criador, a mão criadora é mão-imaginante, mão-sonhadora de artífice, pois guarda os mistérios do fazer manual. As mãos que sonham, são as mãos que se permitem criar e imaginar, são as mãos da experimentação, mãos que não se submetem ao trabalho mecânico e sem sentido ou ao trabalho opressor e servil. De acordo com Rodrigues (1999, p. 431): “[...] a mão sonhadora que quer trabalhar oniricamente é feliz e livre, enquanto exerce de forma ampliada sua força potencial sobre as resistências materiais oferecidas à sua ação, na medida em que cria suas próprias imagens e ensina a imaginação a sonhar”. Na resistência que as materialidades impõem, a mão sonhadora realiza sua dinâmica ontológica no trabalho, pois na ponta dos dedos todo o ser está presente.

## 6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atividades manuais solicitam os sentidos, fazendo-os se comunicarem com as materialidades que eles abrangem e nos convidando à variedade dos gestos e à potência da imaginação. Consideramos esses princípios importantes para pensarmos a proposta da relação do homem com os processos de criação na clínica, com o emprego das oficinas. Também consideramos que a restrição da sensorialidade e a carência de *encontros* podem desvitalizar os sentidos e promover a passividade do indivíduo nas relações sociais que ele constitui, comprometendo a sua capacidade de amar, de desejar e de sonhar.

Compreendemos o trabalho-criador como ontologia, como habitação na acepção existencial; a experiência criativa é preenchida por ações significativas que devem se dar no cotidiano. Devemos estar atentos para o questionamento de com qual trabalho e qual fazer estamos pensando e operando na clínica; de quais transformações as oficinas em saúde mental estão produzindo.

Percebemos que o acolhimento não se restringe a uma palavra, nem tampouco ao campo simbólico que ela evoca; ele pode ocorrer por diversas vias, como no *encontro* do sujeito com a sua criação, o qual lhe possibilite a construção de novos sentidos

para a experiência de sofrimento. O valor da atividade manual nas oficinas não está necessariamente ligado a seu significado representado, pois entendemos que a interpretação da representação vem posterior às vivências e aos afetos. A representação corresponde a uma abstração. Esta é nossa aposta: acreditar numa clínica ativadora do mundo sensorial, das múltiplas sensibilidades e afetos.

Buber (2001) e Bachelard (2001) nos aponta para uma variedade ao infinito de ações que o corpo engendra na sua relação com as materialidades e com a criação e, assim, nos remete às múltiplas relações que o corpo inventa. É essa abertura variacional perpetrada pelo *encontro* que nos interessa, para tencionarmos originar outros caminhos de experimentação do sujeito com as atividades manuais. Conceber o trabalho-criador como ontológico passa pelo exercício de pensá-lo como dimensão estética, o que implica adotar o posicionamento ético e político de que o acolhimento e as ações de cuidado não se restringem a uma expressão verbal, mas podem ocorrer por diferentes vias.

Poder oferecer uma perspectiva de trabalho como ontologia, que permita a abertura para o mundo, pela relação do homem com o fazer, pelo *encontro* na direção do estabelecimento de relações de solidariedade e autonomia é uma linha que esta pesquisa propiciou construirmos.

## REFERÊNCIAS

AMARANTE, P. **Saúde mental e atenção psicossocial**. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2008.

BACHELARD, G. **A terra e os devaneios da vontade**: ensaio sobre a imaginação das forças. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BAREMBLITT, G. **Compêndio de análise institucional e outras correntes**: teoria e prática. Belo Horizonte: Instituto Félix Guattari, 2002.

BARROS, M. **O livro das ignoranças**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

BARROSO, S. M.; SILVA, M. A. Reforma Psiquiátrica Brasileira: o caminho da desinstitucionalização pelo olhar da historiografia. **Revista da Spagesp**, Ribeirão Preto, v. 12, n. 1, jun. 2011.

BRASIL. Lei n. 10.216, de 6 de abril de 2001. Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. **Diário Oficial da União**, Brasília, p. 2, 9 abr. 2001. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/LEIS\\_2001/L10216.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/LEIS_2001/L10216.htm)>. Acesso em: 13 jun. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. Portaria n. 336, de 19 de fevereiro de 2002. Dispõe sobre os Centros de Atenção Psicossocial – CAPS, para atendimento público em saúde mental, isto é, pacientes com transtornos mentais severos e persistentes em sua área territorial, em regime de tratamento intensivo, semi-intensivo e não intensivo. **Diário Oficial da União**, Brasília, 20 fev. 2002. Disponível em: <[http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2002/prt0336\\_19\\_02\\_2002.html](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2002/prt0336_19_02_2002.html)>. Acesso em: 24 set. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Portaria n. 396, de 7 de julho de 2005. Aprova diretrizes gerais para o Programa de Centros de Convivência e Cultura na rede de atenção em saúde mental do SUS. **Diário Oficial da União**, Brasília, 8 jul. 2005. Disponível em: <[https://www.normasbrasil.com.br/norma/portaria-396-2005\\_192226.html](https://www.normasbrasil.com.br/norma/portaria-396-2005_192226.html)>. Acesso em: 13 jun. 2020.

BUBER, M. **Eu e tu**. São Paulo: Centauro, 2001.

COGA, S.; VIZZOTTO, M. Saúde mental em saúde pública: um percurso histórico, conceitual e as contribuições da psicologia nesse contexto. **Psicólogo InFormação**, São Paulo, n. 6-7, 2003.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1**. São Paulo: Ed. 34, 2010.

FOGEL, G. **Sentir, ver e dizer: cismando coisas de arte e de filosofia**. Rio de Janeiro: Apontamentos, 2012.

KINOSHITA, R. T. Contratualidade e reabilitação psicossocial. In: PITTA, A. M. F. (Org.). **Reabilitação psicossocial no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 2001. p. 55-59.

KÜLLER, J. **Ritos de passagem: gerenciando pessoas para a qualidade**. São Paulo: Senac, 1996.

LIMA, R. **Objetos: percursos e escritas culturais**. Rio de Janeiro: Coleção cadernos de Folclore, 2010.

PESSANHA, J. Bachelard: as asas da imaginação. In: BACHELARD, G. **O direito de sonhar**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p. 5-31, 1994.

PASSOS, E.; BARROS, R. A construção do plano da clínica e o conceito de transdisciplinaridade. **Psicologia: teoria e pesquisa**, Brasília, v. 16, n. 1, p. 71-79, 2000.

PESSOA, F. **Poemas completos de Alberto Caieiro**. São Paulo: Martin Claret, 2006.

RAMÔA, M. L. **A desinstitucionalização da clínica na Reforma Psiquiátrica: um estudo sobre o projeto Caps AD**. 2005. 168 f. Tese (Doutorado em Saúde Mental) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

RAUTER, C. M. B. Oficinas para quê?: uma proposta ético-estético-política para oficinas terapêuticas. In: AMARANTE, P. (Org.). **Ensaio: subjetividade, saúde mental, sociedade**. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2000. p. 267-277.

RODRIGUES, V. **Por uma filosofia do espanto imaginário: uma tentativa de reconstrução - através das imagens poéticas – da formação do filósofo-sonhador numa perspectiva bachelariana**. (Tese de doutorado), Universidade de São Paulo: São Paulo, 1999.

RIBEIRO, M. B. S.; MARTINS, S. T. F.; OLIVEIRA, L. R. Familiares de usuários vivenciando a transformação do modelo assistencial psiquiátrico. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 14, n. 2, maio/ago. 2009.

ZUBEN, N. A. V. Introdução e notas do tradutor. In: BUBER, M. **Eu e tu**. São Paulo: Centauro, 2001. p. 7-50.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

afeto 128, 129, 132, 152, 170

Ansiedade 19, 59, 61, 62, 98, 100, 115, 116, 117, 118, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 151, 174, 180, 199, 201

Aprendizagem 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 85, 87, 88, 89, 90, 109, 112, 114, 117, 120, 121, 123, 136, 140, 141, 142, 204, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 225, 226

### C

Cannabis 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181

Cérebro 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 87, 88, 90, 117, 118, 169, 173, 174

Cinema 54, 55, 56, 57, 58, 59, 61, 62, 63, 64, 65, 223

Comportamento 3, 4, 5, 8, 12, 13, 14, 15, 27, 29, 37, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 48, 51, 74, 80, 90, 96, 98, 102, 107, 108, 114, 117, 118, 127, 134, 135, 136, 137, 138, 142, 171, 173, 178, 215, 216, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225

Cultura 11, 27, 41, 42, 44, 48, 54, 57, 98, 100, 141, 143, 147, 153, 180, 186, 187, 197, 205, 208, 218

### D

Depressão 98, 100, 108, 115, 116, 117, 118, 120, 121, 122, 123, 125, 126, 127, 174, 180, 207, 208

Discriminação Sexual 17, 25, 26, 28, 31

Docente 72, 75, 78, 80, 87, 88, 89, 105, 107, 109, 110, 111, 112, 113, 214

### E

Educação 1, 17, 18, 20, 21, 23, 24, 31, 32, 33, 34, 66, 67, 70, 71, 73, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 85, 87, 88, 89, 90, 104, 107, 109, 113, 114, 129, 140, 141, 142, 160, 182, 214, 226, 227

Ensino Superior 17, 18, 22, 25, 26, 27, 32, 33, 34, 35, 71, 72, 77, 103, 104, 105, 110, 111, 112, 113, 114

Espectador 54, 55, 56, 57, 58, 60, 61, 62

Estilo de Aprendizagem 67, 68, 71, 72, 74, 75, 76, 77

### F

Finitude 199, 200, 201, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 211, 212, 213

Fronteira 43, 52, 91, 92, 93, 95, 100, 101, 102, 126

## G

Genealogia 1, 3, 4, 15

Gestão do Conhecimento 214, 218, 224, 225

## H

História 1, 2, 3, 4, 11, 14, 15, 16, 26, 27, 46, 49, 59, 60, 61, 118, 136, 142, 145, 159, 160, 183, 207, 216, 221, 222

Homoerotismo 36, 38, 39, 42, 52

## I

Idoso 143, 144, 145, 146, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161

Interação 38, 39, 42, 43, 44, 45, 47, 48, 60, 62, 66, 68, 99, 107, 117, 141, 143, 147, 152, 153, 154, 157, 158, 195, 214, 215, 221, 222, 223, 225

Inventário 66, 67, 69, 70, 72, 75, 76, 115, 120

## L

Lixo 134, 135, 136, 138, 139, 140, 141, 142

## M

Meditação 128, 129, 130, 132

Meio-Ambiente 134

Memória 61, 108, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 151, 171, 174, 184, 192, 217, 219, 225

Militar 93, 94, 96, 97, 98, 100, 102

Mindfulness 128, 129, 132, 133

Morte 63, 98, 99, 150, 151, 156, 199, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 211, 212, 213

## N

Neuroaprendizagem 78, 82

Neuropedagogia 78, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 87, 88, 89

## O

Oficina 157, 193

Ontologia 182, 190, 192, 193, 196, 197

## P

Plasticidade 78, 174, 180

Poética 54, 56, 57, 58, 60, 61



Psicodinâmica do Trabalho 91, 94, 101

Psicologia 1, 16, 17, 21, 32, 33, 34, 37, 41, 42, 53, 54, 55, 56, 64, 65, 80, 81, 89, 96, 101, 103, 128, 129, 134, 136, 142, 144, 158, 159, 160, 161, 163, 164, 175, 179, 180, 191, 198, 199, 214, 215, 216, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227

Psiquiatria 1, 2, 3, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 80, 161, 170, 180, 183, 184, 185, 187, 188

## Q

Qualidade de Vida 12, 91, 97, 99, 101, 105, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 150, 152, 153, 154, 155, 157, 158, 159, 160, 161, 224

## R

Racismo 17, 18, 20, 31, 33, 35, 157

Regulamentação 163, 164, 165, 166, 176, 177, 179

## S

Saúde Mental 1, 15, 16, 17, 30, 31, 32, 55, 91, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 102, 182, 183, 184, 186, 187, 188, 196, 197, 198

Sexualidade 32, 33, 34, 36, 37, 38, 41, 42, 50, 51, 53, 59, 60

Síndrome de Burnout 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 112, 113, 114

Sociologia 129, 180, 214

Sofrimento 59, 94, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 119, 158, 173, 178, 182, 183, 186, 187, 188, 197, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 211, 212, 213

## T

Tecnologia 1, 2, 4, 5, 6, 9, 10, 16, 182, 224

Terapia Ocupacional 182, 184, 185, 190, 192

Trabalho 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 25, 37, 44, 52, 59, 62, 66, 68, 70, 75, 77, 80, 83, 89, 91, 93, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 127, 136, 139, 140, 142, 148, 159, 163, 164, 166, 184, 185, 186, 187, 190, 191, 192, 196, 197, 209, 214, 215, 220, 221, 223, 224, 225, 226

## V

Vida 3, 4, 6, 8, 11, 12, 14, 15, 16, 19, 40, 41, 46, 49, 50, 53, 54, 56, 57, 59, 60, 62, 63, 64, 91, 93, 96, 97, 99, 100, 101, 105, 108, 113, 117, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 136, 137, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 164, 167, 174, 178, 184, 185, 186, 188, 191, 192, 193, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 220, 223, 224

## Y

Yoga 128, 129, 131, 132, 133




# *A Psicologia em Diferentes Contextos e Condições 2*



[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 





# *A Psicologia em Diferentes Contextos e Condições 2*



[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

